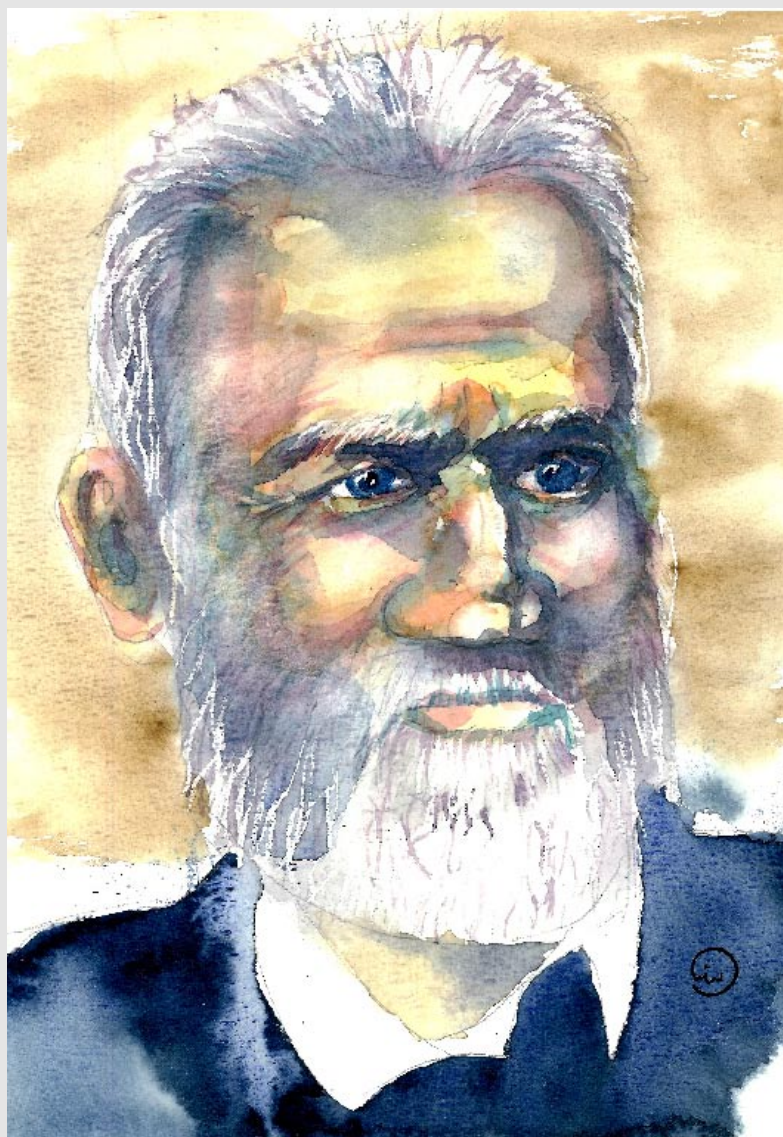


Instruções para um levante armado



Auguste Blanqui

Instruções para um levante armado

Auguste Blanqui
(1866)

Tradução e notas: Yuri Martins Fontes¹

Este programa é apenas militar, deixando inteiramente de lado a questão política e social, que não será aqui discutida: embora não se possa esquecer, por outro lado, que a revolução deve ser realizada em proveito do trabalho e contra a tirania do capital, reconstituindo-se a sociedade sobre as bases da justiça.

Uma insurreição parisiense, nos moldes dos antigos erros, hoje em dia já não teria nenhuma chance de sucesso.

Em 1830, um único impulso popular foi suficiente para derrubar um poder surpreendido e aterrorizado por um levante armado – evento inédito e que estava muito distante de suas previsões. Isto deu certo uma vez. A lição foi aprendida pelo governo, que se manteve monárquico e contra-revolucionário, ainda que passando por uma revolução. Passou então a estudar a guerra de ruas e logo retomou a superioridade que têm a arte e a disciplina sobre a inexperiência e a confusão.

No entanto, dizem, o povo em 1848 venceu pelo método de 1830. Pois que seja. Mas nada de ilusões! A vitória de fevereiro não foi mais que um golpe do acaso. Se Louis-Philippe estivesse seriamente protegido, teria permanecido de uniforme.

Veja-se como prova as jornadas de junho. Foi então que se pôde ver o quanto é funesta a tática, ou melhor, a ausência de tática insurrecional. Nunca houve disputa tão favorável: dez chances contra uma. De um lado, o governo em total anarquia e com suas tropas desmoralizadas;

de outro, todos os trabalhadores sublevados e quase certos do sucesso. Como poderiam sucumbir? Somente pela falta de organização. Para compreender sua derrota, basta que se analise sua estratégia.

A insurreição explode. Nos bairros operários, logo são levantadas barricadas aqui e acolá – a esmo, por diversos lugares. Cinco, dez, vinte, trinta, cinquenta homens reunidos ao acaso, a maioria desarmados, começam a revirar carros, e a arrancar e empilhar paralelepípedos para barrar a via pública – por vezes na metade da rua, mas em geral nas esquinas. Mesmo em quantidade, essas barreiras mal ofereceriam obstáculo à passagem da cavalaria. E algumas vezes, após um rascunho grosseiro de fortificação, os construtores se afastam para ir em busca de fuzis e munições.

Em junho, contamos mais de seiscentas barricadas – mas uma trintena delas, no máximo, teve que suportar sozinha todos os sacrifícios da batalha. As outras – dezenove em cada vinte – não queimaram sequer um cartucho. Isto sem contar os gloriosos *boletins*, que contavam com estardalhaço a remoção de cinquenta barricadas, onde não se encontrava nem mesmo uma alma.

Enquanto alguns retiram paralelepípedos das ruas, outros pequenos grupos partem para desarmar a guarda ou para apreender pólvora e espingardas junto aos armeiros. Tudo isso se faz sem ordem nem direção – ao gosto da fantasia individual.

Pouco a pouco, entretanto, algumas das barricadas – as mais altas, mais fortes e melhor construídas – atraem a preferência dos defensores, que nelas se concentram. Não é o cálculo, mas o acaso, o que determina a localização dessas fortificações principais. Apenas algumas, por um tipo de inspiração militar bastante compreensível, ocupam essas grandes rotas de saída. Durante esse primeiro período da insurreição, as tropas governamentais, por sua parte, já puderam se reunir. Os generais estudam os relatórios que receberam da polícia. Eles se resguardam bastante de aventurar seus destacamentos sem ter dados precisos – sob o risco de uma derrota que desmoralizaria os soldados. Uma vez que conhecem bem as posições dos insurgentes, concentram os regimentos sobre diversos pontos que funcionarão como base para as operações.

Os exércitos estão prontos. Vejamos suas manobras. Aqui se exporá a nu o vício da tática popular – causa certa de desastres.

Nada de direção, nem de comando geral e nem mesmo de acordo entre os combatentes. Cada barricada tem seu grupo particular, mais ou menos numeroso, mas sempre isolado. Ainda que ela conte com

dez ou cem homens, não mantém nenhuma comunicação com os outros postos. Quase sempre não tem nem mesmo um chefe para dirigir sua defesa – e quando tem, sua influência é quase nula. Os soldados fazem o que lhes vêm à cabeça. Ficam, partem, retornam a seu bel prazer. À noite, vão se deitar.

Em consequência dessas idas e vindas, vemos o número de cidadãos presentes variar rapidamente – a um terço, à metade, algumas vezes a três quartos. Ninguém pode contar com ninguém. Daí a desconfiança da possibilidade de sucesso e o desânimo.

Sobre o que se passa em outros lugares, nada se sabe, e ninguém se importa mais. Os patos circulam, tanto os pretos, como os cor-de-rosa. Escutamos calmamente o canhão e as balas de fuzil, enquanto bebemos sobre o balcão do vendedor de vinho. Ninguém tem sequer a ideia de levar socorro às posições atacadas. “Que cada um defenda seu posto, e tudo irá bem” – dizem os mais fortalecidos. Este singular raciocínio faz com que a maior parte dos insurgentes lute em seu próprio bairro – uma falta grave e com consequências desastrosas, especialmente as denúncias da vizinhança após a derrota.

Isto porque, com tal sistema, a derrota é certa. Ao final, ela chegará, personificada em dois ou três regimentos que avançam sobre a barricada, esmagando seus poucos defensores. Toda a batalha é apenas a repetição monótona desta invariável manobra. Enquanto os insurgentes fumam seu cachimbo atrás de pilhas de paralelepípedo, o inimigo conduz sucessivamente todas as suas forças para um ponto, depois para um segundo e então um terceiro, um quarto – e assim ele extermina minuciosamente a insurreição.

O povo não tem como contrariar esta cômoda tarefa. Cada grupo aguarda filosoficamente seu turno e não se dá conta de correr em ajuda de um vizinho em perigo. Não, “ele defende seu posto, ele não pode abandonar seu posto”. E eis como se perece pelo absurdo!

Depois que a grande revolta parisiense de 1848, graças a erros tão graves foi estilhaçada como vidro pelo mais deplorável dos governos – e que catástrofe sem dúvida não haveria hoje, caso fosse repetida a mesma estupidez diante desse militarismo selvagem que mantém a seu serviço as recentes conquistas da ciência e da arte: as estradas-de-ferro, o telégrafo elétrico, os canhões múltiplos e o fuzil *Chassepot*?²

Entretanto, algo que não se deve contar como uma das novas vantagens do inimigo, por exemplo, são as vias estratégicas que agora atravessam a cidade em todos os sentidos. Por engano, costuma-se temê-las. Mas não há com o que se inquietar. Longe de terem criado

um perigo a mais à insurreição, como se imagina, pelo contrário elas oferecem uma mescla de inconvenientes e de vantagens para ambas as partes – pois se a tropa circula mais a vontade pela cidade, em compensação ela está mais exposta e vulnerável.

Tais ruas se tornam impraticáveis sob a artilharia. Além disto, as varandas – que servem de pequenos bastiões – permitem que se abra fogo pelas laterais, o que não seria possível desde janelas comuns. Enfim, essas longas avenidas em linha reta merecem perfeitamente o nome de *bulevares*³ – com o qual lhe batizaram. São de fato, verdadeiros *bulevares* que constituem linhas de frente naturais com imensa força.

A arma por excelência em uma guerra de rua é o fuzil. O canhão produz mais barulho do que resultados. A artilharia não poderia agir seriamente, a não ser provocando incêndios. Porém, tal atrocidade, se empregada sistematicamente e em larga escala logo se voltaria contra seus autores, provocando sua derrota.

A granada – que adquirimos o mau hábito de chamar de bomba – é um meio secundário, e além disto, sujeito a um monte de inconvenientes: apesar de seu pouco efeito, consome muita pólvora; é de manipulação bastante perigosa; não pode ser facilmente transportada, devendo somente ser usada a partir de janelas. Já os paralelepípedos fazem quase tanto estrago e não custam tão caro. E os trabalhadores não têm dinheiro a perder.

Para o interior das casas, o revólver e as armas brancas – baioneta, espada, sabre⁴ e punhal. Em um ataque, as lanças longas de oito pés,⁵ ou mesmo as curtas triunfarão sobre a baioneta.

O exército leva somente duas vantagens sobre o povo: o fuzil *Chassepot* e a sua organização. E esta última, sobretudo, é imensa e poderosa. Mas felizmente, é possível anulá-la, e neste caso, a vantagem passa para o lado da insurreição.

Nas lutas civis, os soldados, salvo raras exceções, sempre marcham com repugnância – coagidos e cheios de aguardente. Eles bem que gostariam de estar longe dali – e se sentem mais à vontade na retaguarda, do que na dianteira. Porém, uma mão-de-ferro os mantém escravos e vítimas de uma disciplina impiedosa; sem desejo pelo poder, eles obedecem apenas pelo medo, sendo incapazes da menor iniciativa. Um destacamento isolado é um destacamento perdido. Os chefes não ignoram isto e se inquietam antes de tudo em manter a comunicação entre todos os seus grupos. Esta necessidade anula uma parte de seu efetivo.

Já nas fileiras populares, não há nada de semelhante. Aqui, luta-se por uma ideia. Aqui, o que existe são voluntários – e sua motivação vem do entusiasmo, não do medo. Superiores ao adversário pela devoção, eles o são ainda mais pela inteligência. Eles os superam na questão moral e mesmo na física, devido à convicção, ao vigor, à fertilidade de recursos, à vivacidade de corpos e espíritos – possuem cabeça e coração. Nenhuma tropa do mundo se equipara a esses homens de elite.

O que falta então para que vençam? Falta-lhes a unidade e o conjunto que aumentam a produtividade, fazendo-os concorrer a um mesmo objetivo – qualidades que isoladamente os tornam impotentes. Falta-lhes organização. Sem ela, não há nenhuma chance. A organização é a vitória; a dispersão é a morte.

Junho de 1848 tornou essa verdade incontestável. Que dizer então de hoje em dia? Com os antigos procedimentos, todo o povo sucumbirá se as tropas o desejarem – e o desejarão, uma vez que diante delas só verão forças irregulares sem direção. Mas em compensação, um exército parisiense de aspecto bem organizado, cujas manobras se dêem conforme as regras da tática, desestruturará os estupefatos soldados, derrubando sua resistência.

Uma organização militar, especialmente quando se tem que improvisar sobre o campo de batalha, não é pouca tarefa para o nosso partido. Ela supõe um comandante-em-chefe e, até certo ponto, uma série habitual de oficiais de todas as graduações. Onde conseguir este pessoal? Burgueses revolucionários e socialistas são raros, e os poucos que existem não fazem mais do que a guerra das plumas. Estes senhores imaginam-se transformando o mundo com seus livros e jornais, e após dezesseis anos empanturrados de baboseira escrita a se perder de vista, sem se cansarem de seus revezes, aguentam com uma paciência equina o cabresto, a sela e as chicotadas – não se permitindo dar nem mesmo um coice.

Esses heróis de escrivania professam pela espada o mesmo desdém que o homem de ação tem por seu falatório. Eles não parecem perceber que a força é a única garantia da liberdade – que um país é escravo quando seus cidadãos ignoram o uso de armas, deixando tal privilégio a uma casta ou uma corporação.

Nas repúblicas da antiguidade, entre os gregos e os romanos, todo mundo conhecia e praticava a arte da guerra. O militar profissional era uma espécie desconhecida. Cícero era general; César advogado. Trocando a toga pelo uniforme, o primeiro veio a se tornar

coronel ou capitão, além de dominar bem as leis. Enquanto não se der o mesmo na França, continuaremos a ser pinturas de seda⁶ à mercê de espadachins.

Milhares de jovens instruídos – trabalhadores e burgueses – sofrem sob um jugo abominável. Mas é possível lhes sugerir que para se libertarem aprendam o manejo da espada? Não! A pluma, sempre a pluma, nada mais que a pluma! Por que não usar tanto uma, como a outra, conforme exige o dever de um republicano? Em tempos de tirania escrever é bom, mas combater é melhor – quando a pluma escrava se torna impotente. Pois bem, então! Faz-se um jornal, vai-se preso, mas ninguém sequer sonha em abrir um livro de tática militar para aprender em vinte quatro horas a técnica que faz toda a força de nossos opressores – e que nos permitiria pôr as mãos em nossa revanche e em sua punição.

Porém, a que servem tais denúncias? É só o estúpido hábito de nossos tempos: lamentar-se ao invés de reagir. A moda são as lamentações. Os reclames posam em todas as atitudes: choram, sofrem, teorizam, exigem e trovejam – flagelando a si mesmos, com todos os flagelos. Mas deixemos pra lá esses capachos da melancolia, coveiros da liberdade! O dever de um revolucionário é a luta, sempre, mesmo quando a luta se dê até a morte.

Faltam quadros para formar um exército? Pois bem! É preciso improvisar no campo de batalha, durante a ação. O povo de Paris fornecerá os elementos – antigos soldados e ex-guardas nacionais. Sua raridade obrigará a reduzir a um mínimo o número de oficiais e suboficiais. Mas isto não importa. O zelo, o ardor e a inteligência dos voluntários compensarão esse prejuízo. O essencial é se organizar! Basta desses levantes tumultuados, onde dez mil cabeças isoladas agem ao acaso, em desordem, sem que ninguém pense em conjunto – cada qual em seu canto e segundo sua fantasia! Basta dessas barricadas tortas e atravessadas que desperdiçam tempo, obstruem ruas e entram a circulação – o que é necessário tanto a um grupo, quanto ao outro. O republicano deve ter boa liberdade de movimentos, assim como as tropas.

Corridas inúteis, empurra-empurra, clamores! Os minutos e os passos são igualmente preciosos. E acima de tudo, não se deve ficar enclausurado em seu bairro – como os insurgentes vêm sempre conseguindo fazer, para sua desgraça. Esta mania, depois de ter causado a derrota, tem facilitado as perseguições. Deve-se curar disto, sob o risco da catástrofe.

Colocadas estas preliminares, indiquemos o modo de organização

A unidade principal é o batalhão. Ele é composto de oito companhias ou pelotões.

Cada companhia conta com um tenente, quatro sargentos e 56 soldados: somando assim, 61 homens.

Duas companhias formam uma divisão comandada por um capitão. O batalhão apresenta consequentemente treze oficiais, a saber: um comandante, quatro capitães, oito tenentes; além de 32 sargentos, 448 soldados, e o porta-estandarte – num total de 494 homens. Há ainda os tocadores de tambor, caso existam.

A provável falta de elementos para formar quadros, obriga a suprimir de cada companhia: dois oficiais, o capitão e o sub-tenente; dois sub-oficiais, o primeiro-sargento e o almoxarife; e enfim, oito cabos. O estado-maior da companhia fica assim reduzido de dezesseis para cinco indivíduos. É verdade que ela é menos numerosa do que a do exército, onde conta com noventa homens em pé de guerra. Guardadas as proporções, a diferença entre os estados-maiores será de cinco a onze. O número da companhia é reduzido, a fim de facilitar as táticas tanto do pelotão, quanto do batalhão.

O capitão, ao invés de comandar um pelotão, como no caso das tropas, comanda dois – ou seja, comanda uma divisão. Entretanto, as manobras por divisão quase nunca ocorrerão. São quase impraticáveis dentro de Paris – onde só servem para se separar em divisões a massa do batalhão, numa praça ou numa grande via. Mas é importante destinar um chefe especial para cada divisão – ocupe ela uma, duas ou quatro barricadas. No primeiro caso, a barricada é importante pelo número de seus defensores. Nos outros dois casos, é essencial não se deixar para uma direção superior, os dois ou quatro pequenos postos.

Organização do pelotão

O pelotão se divide em duas seções, cada uma com 28 soldados e dois sub-oficiais. A seção se subdivide em duas meia-seções, cada uma com 14 soldados e um sub-oficial.

Posicionamento dos oficiais e sub-oficiais no pelotão em combate:

- O tenente à direita de seu pelotão, na primeira fila;
- O primeiro-sargento atrás do tenente, na segunda fila;
- O segundo-sargento, à esquerda da seção direita, na primeira fila;

- O terceiro-sargento, atrás do segundo, à direita da seção esquerda, na segunda fila;
- O quarto-sargento, à esquerda da seção esquerda e do pelotão, na primeira fila.

Guias

O primeiro-sargento é o guia da direita do pelotão, e da seção direita. Ele é guia da direita e da esquerda da primeira meia-seção à direita.

O segundo-sargento é o guia da esquerda da seção direita. Ele é guia da direita e da esquerda da segunda meia-seção à direita. É o porta-estandarte do pelotão.

O terceiro sargento é o guia da direita da seção esquerda. Ele é guia da direita e da esquerda da primeira meia-seção à esquerda.

O quarto sargento é o guia da esquerda do pelotão, e da seção esquerda. Ele é guia da direita e da esquerda da segunda meia-seção à esquerda.

Quando o batalhão estiver em coluna, posicionar os oficiais e sub-oficiais à sua frente – à direita ou à esquerda:

1º Em coluna por pelotão, o tenente se coloca à direita do pelotão. O primeiro, o segundo e o quarto-sargento, na primeira fila; o terceiro na segunda fila, atrás do segundo;

2º Em coluna por seções, o tenente se posiciona à direita da seção dianteira. Os quatro sargentos à direita e à esquerda de suas seções respectivas, na primeira fila;

3º Em coluna por meia-seções, o tenente se coloca à direita da meia-seção dianteira. Os quatro sargentos, sendo guias da direita e da esquerda de suas meia-seções, ficam tanto à direita, quanto à esquerda, conforme o comando, e sempre na primeira fila.

Os dois sargentos que se encontram nas extremidades do batalhão em combate, são guias da direita e da esquerda, e se colocam na primeira fila. O tenente do pelotão da direita desloca-se pela direita, dando espaço ao guia.

Posição dos capitães em batalha e em coluna:

Com o batalhão estando em batalha, os capitães se colocam a alguns passos atrás do centro de suas respectivas divisões. Com o batalhão estando em coluna, cada capitão se coloca sobre o flanco esquerdo de sua divisão.

O chefe de batalhão não tem colocação fixa.

Nota – Os quatro sub-oficiais permanecem constantemente nas fileiras que comandam. Eles não ficam jamais no final da fila, como ocorre nas tropas. Os operários parisienses, voluntários a serviço da liberdade, não têm necessidade de sargentos empurrando seus traseiros.

Posição do porta-bandeira, em combate e em coluna:

1° *em combate*, o porta-bandeira fica à esquerda do quarto pelotão, na primeira fila;

2° *em coluna*, por divisões, o porta-bandeira fica ao centro, equidistante entre a segunda e a terceira divisões;

3° *em coluna*, por pelotões, o porta-bandeira fica à esquerda, alinhado aos guias, equidistante entre o quarto e o quinto pelotões;

4° *em colunas por seção ou por meia-seções*, o porta bandeira fica ao centro, equidistante entre o quarto e o quinto pelotões.

A bandeira é vermelha – e cada companhia tem sua bandeira ou fâmula de cor particular:

1° *pelotão* – *bandeira vermelha*;

2° *pelotão* – *bandeira violeta*;

3° *pelotão* – *bandeira verde*;

4° *pelotão* – *bandeira amarela*;

5° *pelotão* – *bandeira azul*;

6° *pelotão* – *bandeira cor-de-rosa*;

7° *pelotão* – *bandeira alaranjada*;

8° *pelotão* – *bandeira preta*.

Os oficiais e sub-oficiais portarão, como insígnias, um lenço da cor da fâmula de sua companhia: os tenentes no braço esquerdo, entre o ombro e o cotovelo; os sargentos no punho esquerdo. O lenço da 8ª companhia será preto com dupla listra vermelha.

Os capitães portarão entre o ombro e o cotovelo um lenço da cor de cada uma das duas companhias que formam suas divisões: no braço direito a do pelotão impar, e no braço esquerdo a do pelotão par. O lenço preto do 4º capitão terá dupla listra vermelha.

O chefe do batalhão portará no braço esquerdo, entre o ombro e o cotovelo, um grande lenço vermelho, com franja saliente.

O número de cada batalhão será inscrito no alto do mastro da bandeira de suas oito companhias.

As diversas cores, tanto das fâmulas, como dos oficiais e sub-oficiais, têm por objetivo permitir o reconhecimento à primeira vista, em meio à mistura de diferentes companhias, para que se proceda com rapidez os reagrupamentos.

Cada homem ocupa dois pés⁷ dentro de sua fileira; a meia-seção está a cinco metros do fronte; a seção, a dez metros; o pelotão, a vinte; a divisão, a quarenta; o batalhão, a cento e sessenta.

É sempre necessário que as manobras sejam feitas mantendo-se 70 ou 75 centímetros de distância entre as duas fileiras, de forma de que a segunda fileira não seja obrigada a ficar medindo seus passos – o que é bastante incômodo para novatos. Devendo-se abrir fogo, a segunda fila cobre a primeira, ajustando seus fuzis por entre as cabeças dos homens da primeira.

Manobras

Todos os oficiais devem conhecer perfeitamente a escola do pelotão e a do batalhão. Para saber o mínimo, é bom saber o máximo. Contudo, é evidente que não haverá espaço para empregar mais do que uma pequena quantidade de movimentos descritos em uma ou outra escola. Portanto, é essencial estudar aqueles que forem de preferência. Acima de tudo eles servem para organizar a formação em combate.

Eis aqui as principais formações

1° O batalhão estando em combate, divide-se para a direita ou esquerda, seja por pelotões, seções, ou meia-seções;

2° O batalhão estando em combate, divide-se por trás, para a direita ou esquerda, seja em pelotões, seções, ou meia-seções:

Nota-bene – No caso deste último movimento, realizá-lo pelos flancos, sem separar o grupo – caso contrário, a outra forma é preferível;

3° O batalhão marchando em coluna por pelotões, divide os pelotões;

4° O batalhão marchando em coluna por seções, divide as seções:

Nota-bene – Estes dois últimos movimentos devem ser executados a passo atlético, a fim de não se perder tempo, nem terreno;

5° O batalhão marchando em coluna por meia-seções, forma seções;

6° O batalhão marchando em coluna por seções, forma pelotões:

Nota-bene – Nos pelotões que tiverem vinte metros de frente, o batalhão não poderá marchar em coluna por pelotões, a não ser pelas vias mais largas. A marcha mais habitual será em coluna por seções, não ocupando mais do que onze metros de frente. Dividir-se-á as seções antes de se entrar numa rua que tenha menos de doze metros de largura;

7° O batalhão – marchando em coluna por pelotões, seções, ou meia-seções – forma-se à direita ou à esquerda, em batalha:

Nota-bene – Esta formação em batalha, sendo a mais rápida, é a melhor. Mas apresenta dificuldades. Não se pode formar regularmente a coluna à direita ou à esquerda em batalha, a não ser que os pelotões, seções ou meia-seções tenham conservado exatamente suas distâncias, ou seja, quando a distância que os separe for igual à de sua dianteira. Caso ela seja maior, sobram vazios no batalhão formado em combate. Ou ao contrário, se a distância for menor que a dianteira, os soldados, ao se alinharem, trombam e se amontoam uns sobre os outros, por falta de espaço;

8° A coluna, estando em marcha, por pelotões, seções ou meia-seções, forma-se sobre a direita ou a esquerda, em batalha:

Nota-bene – Este movimento não tem os inconvenientes do precedente, e diante do inimigo tem a vantagem de permitir que se abra fogo desde o começo da formação. Porém, colocar simplesmente a coluna em batalha, é extremamente lento.

O movimento de flancos por separação tem a grande vantagem de formar instantaneamente o batalhão em coluna, se ele estiver em combate, ou em combate, se ele estiver em coluna. Mas há o inconveniente de que é impossível estreitar a coluna. Além disso, os dois movimentos – seja pelo flanco, seja pela frente – são difíceis para homens que jamais foram treinados. Entretanto, será útil ensinar essa manobra ao batalhão, assim que estiver organizado. A inteligência dos operários parisienses os fará compreender o mecanismo em alguns minutos.

Assim que um batalhão em marcha deva tomar a dianteira da coluna, à direita ou à esquerda, para entrar em uma rua lateral, deve-se empregar o movimento “volver à direita” ou “volver à esquerda” – o que é preferível à conversão regular, mais lenta e difícil.

Todas as mudanças de direção da coluna devem ser feitas por meio deste mesmo movimento: “volver à direita ou à esquerda”.

O batalhão deverá sempre marchar e manobrar compassadamente, o que significa manter entre duas fileiras uma distância de 70 ou 75 centímetros, de forma que a segunda fileira não seja obrigada a contrair seus passos – podendo marchar em liberdade.

Todos os movimentos deverão ser executados com rapidez, sem falta de precisão, nem de elegância – e com prontidão, antes de tudo.

A forma dos sub-oficiais portarem armas é: o fuzil na mão direita, o braço alongado pela coxa, o gatilho virado para frente.

Deve-se fazer um apelo aos homens que saibam tocar com ritmo. Os tambores são de primeira necessidade para os comandos.

Manobras por divisão

As manobras por divisão, em Paris, só podem ocorrer raramente. Entretanto, é importante estudar as seguintes:

1° O batalhão estando em coluna por pelotão, reunido em bloco, ou à meia distância, ou à distância inteira, forma divisões;

2° O batalhão estando em combate, fecha-se em uma coluna reunida por divisão, sobre qualquer das quatro divisões, encabeçado pela direita ou pela esquerda;

3° O batalhão estando em coluna reunida por divisões, em marcha ou em posição de sentido, desdobra qualquer uma das quatro divisões, em colunas por pelotão.

Esboço de marcha rumo a levante armado em Paris

Os homens que tomam a iniciativa do movimento, já escolheram inicialmente um comandante-em-chefe e certo número de oficiais, cujas funções começam com a própria insurreição.

Maneira de organizar

Tão logo os cidadãos acudam em apoio a sublevação, deve-se colocá-los em duas fileiras, para o combate; engajá-los em silêncio e com calma, dirigindo-lhes breves palavras. Em seguida, deve-se anunciar que todo cidadão marchando sob a bandeira da República receberá víveres e cinco francos por dia como soldo, enquanto dure a luta. Então, convida-se todos aqueles que serviram no exército ou fizeram parte da guarda nacional, a deixar as fileiras e se apresentar na linha dianteira. Há de se classificá-los em oficiais, sub-oficiais ou simples soldados. Colocar reservadamente os primeiros, como oficiais superiores; escolher os sub-oficiais para tenentes, chefes de pelotão; e os simples soldados, para sargentos.

Distribuir aos tenentes e aos sargentos um impresso que lhes explique a organização do exército popular e as diversas medidas a se tomar. Postá-los em suas respectivas posições como oficiais e sub-oficiais, e ajeitar entre eles os soldados de cada pelotão – formando-se assim as companhias, até que se esgote o pessoal presente.

Caso não haja homens suficientes para se completar um batalhão, logo que os pelotões estiverem constituídos, deve-se listar os quadros que faltam ser preenchidos – os postos prontos

a receberem novos voluntários. Se ao contrário, são os quadros qualificados que são insuficientes, que se apele então aos homens que se sentem capazes o bastante para comandar, passando-lhes funções de tenente e de sargento, e lhes dando impressos que os elucide acerca da organização.

Contudo, se ainda assim o número dos pelotões formados continua inferior a oito, declara-se o batalhão constituído. E sendo ele superior a oito, constituir com o excedente um segundo batalhão, que se completará adicionando novos voluntários.

Distribuir aos tenentes e aos sargentos os lenços de diversas cores que eles devem carregar como insígnia; desdobrar a bandeira do batalhão, bem como as flâmulas das companhias – que serão confiadas aos segundos sargentos.

Tão logo a bandeira seja desdobrada, fazer com que os oficiais, sub-oficiais e soldados pronunciem o seguinte sermão: “Eu juro combater até à morte pela República, obedecer as ordens dos chefes e não me separar um só instante da bandeira, nem de dia nem de noite, antes que a batalha esteja terminada”.

Distribuir as armas disponíveis aos companheiros e aos batalhões, segundo a ordem cronológica de suas formações; os primeiros organizados são os primeiros armados.

Não existindo mais do que poucos fuzis, deve-se dá-los aos sargentos porta-bandeiras.

Os oficiais e sub-oficiais farão constantemente aos soldados as seguintes recomendações:

“Nunca perder um segundo; manter a ordem; observar o silêncio (exceto o grito de ‘Viva a República’, pronunciado somente quando for dado sinal); marchar em passos rápidos. No caso de um engajamento, só agir de acordo com o comando. Caso se sofra derrota, reunir-se rapidamente e sem tumulto à bandeira e aos lenços respectivos. Caso se obtenha vitória, guardar-se a formação, sem barulho nem gritos, prontos a marchar. Executar todas as ordens com rapidez e caso se deva afastar-se da bandeira para cumpri-las, retornar o quanto antes, assim que a ordem tenha sido executada”.

O grito de “Viva a República” não deve ser lançado, a não ser ao sinal dos chefes, porque uma marcha silenciosa é geralmente a mais imperiosa necessidade.

Estando-se em marcha ou parados, organizar o quanto antes todos os operários que se encontrem na passagem da coluna.

Havendo quadros em excedente, eles marcharão na retaguarda da coluna, segundo a ordem dos números de suas companhias – incorporando-se pelo caminho, sem parar de marchar, todos os homens de boa vontade encontrados pela rota.

Os oficiais e sub-oficiais de pelotões assim formados durante a marcha, questionarão imediatamente aos cidadãos incorporados se eles já serviram ao exército ou pertenceram à guarda nacional; e farão sair para o canto da coluna os que se encaixem neste caso.

Oficiais do estado-maior acompanharão a coluna, a fim de constituir com estes novos elementos, quadros de companhias e de batalhões, classificando-os em graus segundo a regra indicada acima. Distribuem então os lenços que servem de insígnias, e mandam desdobrar as flâmulas e as bandeiras dos novos corpos militares compostos na sequência.

A organização de novos batalhões continuará assim, sem interrupção, enquanto durar a luta. Toda coluna em marcha agregará os operários encontrados em seu caminho e os formará em companhias e em batalhões, segundo o processo acima descrito.

Tão logo o número de batalhões ultrapasse nove, eles poderão ser reunidos por regimentos e por brigadas.

Desde o começo da insurreição, cidadãos devotados serão encarregados de cortarem fios telegráficos e de destruírem as comunicações do governo com as províncias.

Medidas insurrecionais

Tão logo isto seja possível, o comandante-em-chefe estabelecerá comissões de armamento, de víveres e de segurança pública:

1ª Comissão de armamento

A comissão de armamento buscará, seja em lojas e fábricas de armas, seja junto a particulares, todas as armas disponíveis, fuzis de guerra e espingardas de caça, pistolas, revólveres, sabres e espadas; bem como a pólvora armazenada com comerciantes ou estocadas em depósitos, especialmente entre os fogueteiros.

Requererá aos encanadores o chumbo de que disponham, e aos ferreiros, os moldes para balas de todos os calibres; mandará os torneiros fabricarem os mandris de calibragem, medidas para a pólvora; e instalará oficinas onde mulheres e crianças serão empregadas mediante salário, para fundir balas e confeccionar cartuchos.

Produzirá lenços, bandeiras e flâmulas para servirem de insígnias. Requererá aos fabricantes de produtos químicos, os materiais que

componham as diversas formas de pólvora, especialmente o ácido sulfúrico e o ácido nítrico, anídricos ou concentrados – elementos para o algodão explosivo. Para este trabalho serão requisitados os estudantes de farmacologia.

2º Comissão de víveres

A comissão de víveres requererá aos padeiros, açougueiros e junto aos entrepostos de bebida, o pão, a carne, os vinhos e os licores necessários ao consumo do exército da República. Ela requererá também os cozinheiros, trabalhadores de restaurantes e outros operários destes ramos para a preparação dos víveres.

Haverá, para cada batalhão, um comissário de víveres encarregado de zelar por sua distribuição e de informar à Comissão as necessidades do batalhão.

3º Comissão de segurança pública

A comissão de segurança pública tem por missão: desvendar as tramas da polícia e as manobras dos contra-revolucionários; imprimir, distribuir e afixar as proclamações ou decisões do comandante-em-chefe; vigiar os telégrafos, estradas-de-ferro, estabelecimentos imperiais. Em suma, desbaratar os meios de ação do inimigo, e organizar e garantir os da República.

Os fundos necessários para os serviços dessas três comissões e para o pagamento das indenizações cotidianas de cinco francos, acordada com os cidadãos presentes sob nossa bandeira, serão previamente retirados dos caixas públicos.

Serão passados aos comerciantes e industriais recibos regulares por entregas de quaisquer mercadorias que eles forneçam sob requisição. Tais fornecimentos serão saldados pelo governo republicano.

As três comissões prestarão conta de seus trabalhos, de hora em hora, ao comandante-em-chefe, e executarão suas ordens. Será também formado um serviço especial para as ambulâncias.

Nenhum movimento militar deverá acontecer sem que haja ordem expressa do comandante-em-chefe, e só serão feitas barricadas nos lugares designados por ele.

Sob pena de derrota, as barricadas hoje em dia já não podem ser uma obra confusa e desordenada – como em 1830 e 1848. Elas devem fazer parte de um plano operacional, decidido previamente. Neste sistema, cada fortificação defensiva é ocupada por uma guarnição, deixada a suas próprias forças – mas em comunicação direta com suas reservas e recebendo constantemente reforços proporcionais aos perigos dos ataques.

A confusão e a dispersão não são os únicos vícios das antigas barricadas. Também sua construção era bastante defeituosa. Empilhamento disforme de paralelepípedos, carros amontoados pelos cantos, palafitas e tábuas – tal barragem mal feita não era um bloqueio para a infantaria, que abria passagem rapidamente. Talvez algumas fortificações maiores fossem exceções; embora nenhuma fosse obstáculo ao avanço – pois elas mesmas serviam como escada.

Parar as tropas, obrigá-las a se concentrarem em um local, e resistir ainda que por muito tempo ao canhão: esta é a função de uma barricada. Deve-se portanto, construí-la de acordo com tais requisições, para que atinja seu triplice objetivo – e até aqui, ela não o satisfaz nem mesmo minimamente.

Descrição da barricada

No estado atual de Paris, apesar da invasão do macadame, o paralelepípedo continua sendo ainda o verdadeiro elemento da fortificação passageira, sob a condição, entretanto, de que se faça um uso mais sério do que no passado. É um caso de bom senso e de cálculo.

O velho paralelepípedo que cobre ainda a maior parte da via pública é um cubo de 25 cm de lado. Podemos então calcular antecipadamente, o número destes blocos que serão necessários para se construir um muro, no qual as três dimensões, comprimento, largura e altura são determinadas.

Barricada regular

A barricada completa consiste em uma muralha e sua contraguarda – ou face interna.

A muralha é construída com paralelepípedos revestidos com gesso, com largura de um metro, e altura de três, com as extremidades encaixadas nos muros das fachadas das casas.

A contraguarda, situada a seis metros antes da muralha, é composta por duas partes contínuas uma à outra, a saber: um muro interno com mesmas dimensões e construção da muralha, e um talude⁸ de paralelepípedos secos amontoados, estendendo-se a uma distância de quatro metros para trás.

Um metro cúbico contém 64 paralelepípedos de 25 cm de lado. A muralha, bem como o muro interno da contraguarda, têm sempre dois fatores fixos: a altura de 3 metros, e a espessura ou largura de 1 metro. O que varia é apenas o comprimento, que depende do tamanho da rua. Supondo-se uma rua de 12 metros

– e consequentemente, o número 12 é fator comum tanto para a muralha, como para o muro interno do talude e para o próprio talude –, tem-se, então:

$$\text{A muralha} = 3 \times 1 \times 12 = 36$$

$$\text{O muro interno do talude} = 3 \times 1 \times 12 = 36$$

$$\text{O talude} = \frac{3 \times 4 \times 12}{2} = 72$$

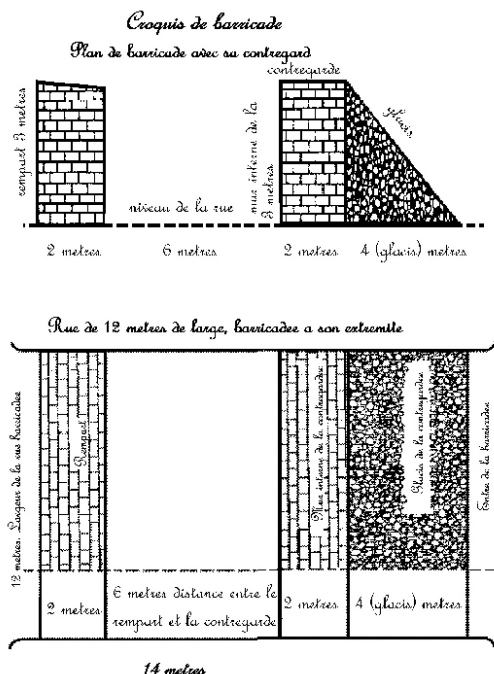


Figura 1. Croquis das barricadas

Perfil de barricada completa, com muralha e contraguarda com talude. A muralha e o muro interno da contraguarda são revestidos com gesso.

O volume total da barricada e de sua contraguarda será pois de 144 metros cúbicos; sendo necessários 64 paralelepípedos por metro cúbico, serão necessários então 9186 paralelepípedos – representando pouco mais que 191, alinhados a 4 x 12, ou seja, 48 por fileira. Essas 192 fileiras ocupam 48 metros de comprimento. Assim, a rua seria desapimentada em um comprimento de 48 metros, para fornecer todos os materiais da trincheira.

Esse cálculo não levou em conta a parte ocupada pelo gesso na muralha e no muro interno da contraguarda, ficando assim reduzido o número total de paralelepípedos. Tal número será ainda menor no caso do talude, em consequência dos espaços existentes entre os paralelepípedos empilhados desordenadamente.

Os pequenos paralelepípedos retangulares que têm substituído em parte o macadame das grandes vias, podem igualmente servir para se erguerem barricadas. Mas o trabalho nas partes com recobrimento será mais longo e consumirá mais gesso.

Em todo caso, é bem evidente que tal entrincheiramento não será feito em uma hora – e é importante colocar-se em defesa o mais prontamente possível. Porém, é possível evitar-se tal dificuldade. O destacamento encarregado de construir e de ocupar a barricada deve se reunir no local designado com um carro de sacos de gesso, além de jericas, carrinhos-de-mão, alavancas, picaretas, pás, escavadeiras, martelos, tesouras, espátulas, tonéis e baldes. As requisições de todos estes objetos serão feitas junto aos seus respectivos mercados – cujos endereços se encontram no *Almanaque do Comércio*.⁹ Serão escolhidos os mais próximos do ponto inicial do trabalho.

Uma vez sobre o terreno, o chefe do posto ordena que se comece a muralha a 15 metros, mais ou menos, da esquina da rua – e ao invés de três metros de altura, ela terá só a metade disso. Este muro de quatro pés e meio¹⁰ tem precisamente a altura normal para o tiro de um soldado de infantaria em pé. Pode-se escalá-lo, sem dúvida, mas não é uma operação cômoda: já é um obstáculo respeitável. E ora, esse maciço não tem mais do que 18 metros cúbicos, ou 1152 paralelepípedos, o que representa 24 fileiras, ou 6 metros de comprimento a se despavimentar. Isto pode ser feito bem rapidamente.

Em seguida, termina-se a muralha até completar os três metros, deixando-se, de tanto em tanto, a meia altura (ou seja, a um metro e meio), buracos destinados a receber as vigas sobre as quais serão colocadas pranchas, formando plataformas para que se atire.

A cobertura do muro interno da contraguarda deve ser plana, sem inclinações nem para dentro nem para fora, de modo que não se dê chance para a bala de canhão desbasta a parte mais estreita do alto. A cobertura da muralha pode ser ligeiramente inclinada, a fim de economizar ao tiro alguma profundidade. Ela será moldada e alisada na espátula, assim como a parede defronte à contraguarda.

Os buracos feitos a meia altura – para o andaime da construção –, tanto no muro da contraguarda, como na muralha, serão fechados

com cuidado. As paredes da muralha e da contraguarda que estão face a face, deverão ser alisadas com espátula, não deixando aí nenhuma aspereza que possa favorecer a sua escalada.

As fileiras de paralelepípedos de cada base dos dois muros, serão dispostas em xadrez, bem como as próprias bases, uma em relação à outra.

Caso a muralha ultrapasse em altura o muro da contraguarda, as balas de canhão destruirão a parte sobressalente. Entretanto, no caso de se querer atirar de longe no inimigo, desde a muralha, bastará que se coloquem aí sacos de gesso cheios de terra. E os combatentes se erguerão a si mesmos por meio de paralelepípedos.

De resto, o entrincheiramento é mais uma barreira do que um campo de ação. É nas janelas que se encontra o verdadeiro posto de combate. A partir delas, centenas de atiradores podem dirigir em todos os sentidos um fogo mortal.

O oficial encarregado de defender o cruzamento de uma rua, quando lá chegar, ocupa as casas das duas esquinas com um terço de seu pessoal – os homens mais bem armados –, destacando para a dianteira algumas sentinelas, para iluminar as ruas e prevenir surpresas. Então começam os trabalhos de entrincheiramento, com as precauções e ordem acima indicadas.

Caso um ataque aconteça antes de se levantar o muro simples (de um metro e meio de altura), o oficial se retira com todo seu pessoal para dentro das casas das duas esquinas, após ter posto em segurança num pátio interior, carros, cavalos e materiais de toda espécie. Defendem-se então, atirando através das janelas e jogando paralelepípedos dos andares mais altos. Os pequenos paralelepípedos retangulares que ladeiam as grandes vias macadamizadas são excelentes para este uso.

Sendo o ataque rechaçado, retoma-se com pressa e sem descuido a construção da barricada, mesmo com outras interrupções. Se for necessário, reforços devem ser enviados.

Com esse trabalho terminado, entra-se em comunicação com as duas barricadas laterais, perfurando os grossos muros que separam as casas situadas na frente de defesa. A mesma operação é executada simultaneamente nas casas de ambos os lados da rua embarricada, até sua extremidade, logo virando à esquerda e à direita, em regresso, ao longo da rua paralela à frente de defesa. As aberturas são feitas no primeiro e no último andar, a fim de se ter duas rotas; o trabalho segue por vezes nas quatro direções.

Todos os grupos de casas, ou vilas pertencentes às ruas com barricadas, devem ser perfurados em todo seu entorno, de maneira que os combatentes possam entrar e sair pela parte de trás da rua paralela – fora da vista e da mira do inimigo. Neste trabalho, a guarnição de cada barricada deve se encontrar a meio caminho – tanto na frente de defesa, como na rua de trás – com as duas guarnições das duas barricadas vizinhas, a da direita e a da esquerda.

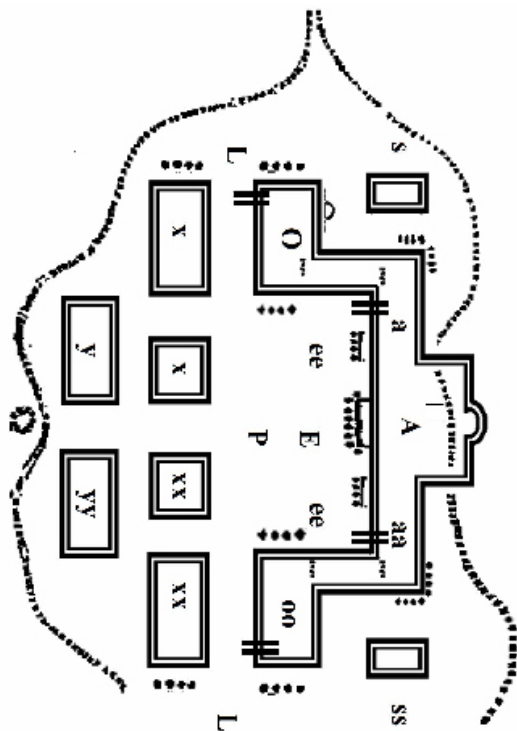


Figura 2. Planta de uma comunidade em grande escala

Exemplo de barricadas em frente de defesa ligadas por perfurações das casas de quarteirões adjacentes

Supondo-se o boulevard *Sébastopol* como frente defensiva, abrangemos com tal frente uma distância de mais ou menos 140 metros, compreendendo o desembocar de três ruas e um pouco mais, a saber, as ruas *Aubry-le-Boucher*, *De la Reynie* e *Des Lombards*.

A três ruas têm as saídas para o bulevar fechadas por barricadas com contraguardas. As dimensões e distâncias estão rigorosamente exatas na planta.

A guarnição do entrincheiramento *De la Reynie*, depois de ter completado as construções da rua e simultaneamente perfurado as casas ao longo do bulevar, vai em direção à rua *Aubry-le-Boucher*, à direita, e à rua *Des Lombards* à esquerda.

Ela faz a mesma operação dos dois lados da rua *De la Reynie*, ganhando a rua *Cinq-Diamants*, e tendo chegado à extremidade, dobra à esquerda, em direção à rua *Aubry-le-Boucher*, e à direita, rumo à rua *Des Lombards*, continuando seu trabalho.

Por seu lado, as guarnições das barricadas *Aubry-le-Boucher* e *Des Lombards* vão ao encontro dos trabalhadores da *De la Reynie*, segundo o mesmo método, e a junção se opera no meio do caminho.

As casas foram indicadas ao acaso sobre o bulevar *Sébastopol*, mas nas ruas *De la Reynie*, *Aubry-le-Boucher*, *Des Lombards* e *Cinq-Diamants*, o número de casas, ou melhor, dos grossos muros que as separam, foi revelado com exatidão numa antiga planta muito detalhada.

A guarnição *De la Reynie* terá então que perfurar, entre a metade das casas do bulevar e as duas ruas laterais, doze muros da rua *De la Reynie*, cinco de um lado e sete de outro, e mais sete outros na rua *Cinq-Diamants* – cinco à direita e dois à esquerda.

Admitindo-se dez casas na frente *Sébastopol*, cada qual com cerca de nove metros de fachada, haverá então um total de 24 muros para se perfurar, seis por cada grupo de trabalhadores – uma vez que o procedimento se dá em quatro direções ao mesmo tempo.

De resto, caso se esteja em bom número, é possível se perfurar de uma só vez todas as casas da rua embarricada e da rua de trás dela – pois que se têm as comunicações livres por detrás do entrincheiramento.

O interior das quadras consiste geralmente em pátios e jardins. Podem-se abrir comunicações através destes terrenos, separados normalmente por fracos muros. Isso será mesmo indispensável naqueles pontos cuja importância ou situação especial exponha a ataques mais sérios.

Será pois útil organizar companhias de operários não combatentes, pedreiros, carpinteiros, etc, para executarem os trabalhos conjuntamente com a infantaria.

Logo que na frente de defesa, uma casa esteja mais particularmente ameaçada, demole-se a escada do térreo e se fazem aberturas nos pisos dos vários quartos do primeiro andar, para que daí se possam lançar bombas e atirar nos soldados que invadirem o térreo. A água fervente terá um papel muito útil nestas circunstâncias.

Caso o ataque abranja uma grande extensão frontal, interrompem-se as escadas e perfuram-se os pisos superiores de todas as casas expostas. Como regra geral – uma vez que o permitam o tempo e os outros trabalhos mais urgentes de defesa –, devem ser destruídas as escadas do térreo de todas as casas do quarteirão, com exceção de uma – com saída para a rua traseira menos exposta.

A tropa retira sempre muito facilmente as barricadas, por causa do pequeno contingente de seus defensores, do isolamento em que são abandonados, e da falta de confiança mútua devido à falta de organização e de comando. Mas tais fatos teriam uma outra cara, no caso de uma direção enérgica e de sucessivo envio de poderosos reforços.

Até aqui nas lutas parisienses, os insurgentes permanecem sempre inativos por detrás de suas barricadas – ingenuidade fatal para combatentes muito mal armados, sem artilharia e quase sem munição. Apenas a bravura não é suficiente para compensar todas as desvantagens materiais.

Os operários parisienses parecem ignorar sua principal força: a superioridade de inteligência e de endereço. Inesgotáveis em recursos, engenhosos, tenazes, iniciados em todas as possibilidades da indústria, lhes será fácil improvisar em poucas horas todo um material de guerra. Carpinteiros, marceneiros, mecânicos, soldadores, torneiros e pedreiros, eles podem suprir tudo e opor ao inimigo cem especialistas em trincheiras contra um.

Mas para isso é necessária uma atividade incessante. Nem um único homem pode ficar desocupado. Quando um trabalho termina, começa-se outro, e sempre há algo a fazer. Eis aqui algumas coisas importantes: encaixar perpendicularmente em hastes de sete pés, lâminas de foice cujos ganchos da base foram retificados ao fogo e as abas cortadas, aparando-se as hastes no torneiro mais próximo – lâminas de foice podem ser encontradas em quantidade junto aos ferreiros; arrancar portas de residências ou pegar tábuas em lojas, fazendo-lhes fendas estreitas com 10 cm de comprimento, dobrar lâminas grossas de aço perfuradas do mesmo modo, e proteger com estas cortinas móveis a abertura das janelas frontais e laterais da varanda, para daí se poder abrir fogo por sobre as ruas; armazenar

paralelepípedos em todos os andares, os menores no quarto e quinto, os maiores no segundo e terceiro – munindo, sobretudo, os cômodos situados acima das trincheiras.

Todo chefe de barricada fará com que se peguem, nos mercados próximos, materiais e utensílios necessários para a defesa. Requisitará operários industriais, como torneiros, marceneiros, serralheiros, etc, para confeccionar objetos que os combatentes não estarão em condições de fabricar eles mesmos. Ele emitirá recibos regulares, com o valor das faturas.

Os comandantes de barricadas não manterão junto a eles recrutas que vierem se juntar ao combate, mas os encaminharão para seu superior imediato – os tenentes, ao capitão, os capitães, ao chefe de batalhão –, a fim de que esses homens sejam dirigidos para a reserva, onde se opera a organização de novos agrupamentos.

Esta regra é ditada por motivos imperiosos: 1º indenizações não podem ser alocadas aos voluntários, a não ser por constatação oficial de sua presença sob a bandeira, e com data precisa; 2º o comandante-em-chefe deve sempre conhecer as cifras exatas das forças de cada trincheira; 3º a boa ordem exige que o efetivo das companhias e dos batalhões se distribua o mais uniformemente possível.

Os comandantes de barricadas enviarão relatórios frequentes aos seus superiores, que os guardarão no quartel-general.

Defesa das barricadas

Supondo que o exército tenha força e se engaje na luta, é fácil pressentir seu método de ataque contra as posições republicanas. Inicialmente, os destacamentos mais ou menos numerosos, atirando nas janelas durante sua marcha, avançarão para retirar uma barricada. Caso sejam rechaçados, e mesmo talvez sem que isso aconteça, perfurarão as casas dos quarteirões que estejam diante dos insurgentes, chegando assim, por dentro delas, à frente de defesa.

Os dois lados estarão agora separados apenas pela largura da rua, e os soldados dirigirão um fogo violento sobre as janelas frontais, para caçar seus defensores. Deve-se atentar também a que a tropa, em caso de resistência um pouco mais longa, conduzirá o canhão através do quarteirão que ela ocupa. Ela o colocará em combate sob um portão de garagem, diante de uma das casas da frente de defesa; e logo, abrindo a porta de repente, bombardeará os muros de sustentação, para derrubar o edifício. Este não tombará aos primeiros golpes, será necessário certo tempo.

Uma vez que o canhão for desmascarado, os republicanos atirarão sobre os artilheiros que forem vistos sob o portão de garagem, a partir de janelas térreas, portas, varandas e respiros de porões. Deverão ser perfuradas rapidamente fendas frontais, de modo a multiplicar o fogo.

Regra geral: é inútil responder aos soldados que atirem contra as janelas. Seria perder pólvora. O inimigo a tem de sobra, mas ela é rara aos insurgentes – logo, é indispensável economizá-la. E as lâminas duplas de aço colocadas nas janelas da varanda, os protegerão das balas.

A guarnição, desprezando o fogo cruzado, vigiará a rua para impedir o inimigo de atravessá-la. Assim que ele tente a passagem, do alto das casas deve-se fuzilá-lo violentamente, e cobri-lo de pedras e paralelepípedos. Ao mesmo tempo, também se estará pronto para fuzilá-lo e jogar-lhe água fervente desde os tetos do primeiro andar, caso ele consiga penetrar pelo térreo – apesar dos obstáculos postos nas portas e janelas. Durante o combate, deve-se ter cuidado para não ser atacado com bombas. Não economizar paralelepípedos, garrafas cheia d'água e mesmo móveis, à falta de outros projéteis. Retirar as cortinas de aço dos andares mais altos, para lançar pedras – evitando assim balas diretas.

Quanto à trincheira, não será fácil ter precisão. A bala de canhão não poderá atingir a fortificação, a não ser ricocheteando, e o frágil intervalo de seis metros, que a separa da contraguarda, tornará este tiro ineficaz. O lançador de granadas será igualmente impotente. Ela virá a explodir antes, depois ou no intervalo entre as construções, e seus estrondos esfolarão o gesso das muralhas – nada mais. Não haverá ninguém ali, pois a barricada está a ser defendida pelas janelas.

O assalto seria bastante mortal para os assaltantes. Precisariam suportar tiros até o fim do talude e a partir desse ponto, desafiariam um perigo ainda maior: não seria possível descer pelo muro interno e depois ultrapassar a muralha, a não ser com uma escada de oito pés – uma bagagem deveras incômoda –, e tudo isto sob uma enxurrada de pedras e balas.

Se por acaso, quando da construção da barricada, for possível encaixar um ou dois portões de garagem no intervalo de seis metros entre a muralha e a contraguarda, os pelotões de ataque – amontoados atrás do batente da porta, que será aberto de repente – se atirarão sobre os soldados que descerem da contraguarda, encurralando-

os em uma ratoeira, pois as baionetas da tropa não serão longas o bastante contra as lanças.

Não existindo tais portões, os insurgentes se amontoarão no térreo, de forma a se lançarem através das portas de saída ou das janelas baixas. Um instante antes do ataque, o comandante fará cessar a chuva de balas e pedras, o que poderá ser entendido pelas tropas como uma fraqueza – um desprezo que lhes seria fatal.

Sendo o inimigo rechaçado por longa resistência de uma ou mais barricadas, ele talvez recorra ao incêndio das casas por meio do lançador de granadas. Apagar o fogo será difícil. Caso não se consiga, a retirada se tornará inevitável. Deve-se pois efetuar a retirada de casa em casa, para uma segunda linha de defesa. As tropas não jogarão por muito tempo tal jogo. Não se fará de Paris uma segunda Saragoça.¹¹

A luta de barricadas fornecerá ao comandante-em-chefe a ocasião de tomar a ofensiva e lançar colunas de ataque sobre os flancos e a retaguarda dos assaltantes. Os feridos serão evacuados em ambulâncias, destinados aos chefes de tropas; os mortos serão transportados aos hospitais.

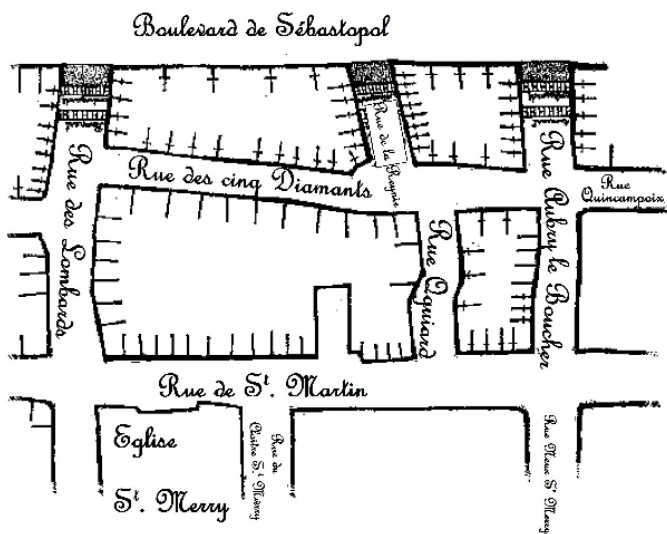


Figura 3. Planta do setor visado

Minas

As tropas poderiam recorrer a minar nossa tenaz frente de defesa. É um meio poderoso, mas muito pouco provável. O inimigo certamente não o usará de início. Além de ser um método demorado, causará certa vergonha e abalará a vontade dos soldados – fazendo com que a insurreição lhes pareça ainda mais temível.

Entretanto, é possível que a necessidade faça com que se supere este inconveniente. Neste caso, o sistema de esgoto ganha uma grande importância. Todas as ruas nas quais ele exista poderão se tornar ponto de partida para galerias minadas. O inimigo tem um mapa detalhado dos esgotos de Paris. Eles são de várias dimensões. O mapa dos maiores, ditos esgotos coletores, é por todos conhecido. Encontra-se no segundo volume do *Guia de Paris*.¹² Mas estes são só uma pequena parte do total. O grosso, formado por canais médios e calhas, continua desconhecido. Seria útil pesquisar informações por entre os trabalhadores da rede de esgotos.

Durante o combate, será indispensável fazer o reconhecimento dessas vias subterrâneas, por numerosos destacamentos, aos quais se traçará um itinerário. Eles serão munidos de escadas para poderem alcançar e observar à vontade. Embarricaremos os cruzamentos onde terminam as vias coletoras de esgoto, segundo um plano combinado com as operações a céu aberto.

Toda rua que sirva às operações de defesa pode estar atravessada por uma galeria minada, e portanto é preciso logo se certificar da existência de esgotos por debaixo delas; e neste caso, quando a frente de defesa esteja sendo atacada com vigor pelo inimigo, deve-se ocupar o esgoto com barricadas. Sentinelas o percorrerão em passos de lobo, pousando o ouvido nas paredes do lado das tropas, para escutar os ruídos do sapador-mineiro, percebendo-o o quanto antes. De resto, o inimigo não tentará penetrar com sapadores nos esgotos, se não puder aí chegar pela via natural dos grandes entroncamentos. Encontrá-los por estas encruzilhadas subterrâneas, seria o indício de seus projetos de utilizar minas. Mas esses encontros viriam aumentar as dificuldades da operação, tornando-a menos provável.

Nas ruas sem esgoto, se existirem, uma galeria poderia ser escavada diretamente a partir de um porão, de modo a se cruzar a rua até a casa em frente. Este trabalho seria mais difícil de descobrir e surpreender, do que o dos esgotos. Sentinelas deverão colar as

orelhas na parede dos porões limítrofes à rua, para escutar os ruídos dos instaladores de minas. A guarnição, estando prevenida, os esperaria à saída para lhes dar a devida lição.

Em suma, esta guerra de minas é pouco provável; a do esgoto é mais certa.

Moradores das casas ocupadas

Os moradores das casas que forem ocupadas pelos republicanos serão convidados, no seu próprio interesse, a se retirarem com seu dinheiro, algumas coisas de valor e sua prataria, depois de terem fechado todos os seus móveis. Serão também lembrados, conforme o exemplo de 2 de dezembro, que os soldados de Bonaparte, ao entrarem em qualquer residência de onde partiu um tiro, enforcam sem distinção homens e mulheres, velhos de cama e bebês amamentando.

Assim que os velhos, mulheres e crianças se retirem, os homens deverão lhes seguir. Não os deixaremos permanecer a sós no local. Assim que se houver perfurado os muros de todas as casas do quarteirão, poderá se proceder à retirada das famílias que habitem a frente de defesa, pela parte de trás da quadra. No caso em que, por conta de comunicações interceptadas, os víveres lhes venham a faltar, os republicanos os fornecerão, prevenindo os comissários do batalhão acerca do acontecido, para que eles consequentemente os reabasteçam.

E é necessário ainda que se repita: a condição *sine qua non*¹³ para a vitória é a organização, o conjunto, a ordem e a disciplina. É pouco provável que as tropas resistam por muito tempo a uma insurreição organizada e mobilizada com um aparato semelhante ao da força governamental. Eles serão tomados pela hesitação, depois pela perturbação, em seguida pelo desânimo, para por fim serem derrotados.

(Traduzido de: *L'Archive Auguste Blanqui / L'Archive Internet des Marxistes*)

Notas

1. Yuri Martins Fontes é jornalista, tradutor e professor universitário. Esta tradução contou com a colaboração de Cristiano Addario de Abreu
2. Trata-se do então moderno fuzil usado pelas tropas francesas (a partir de 1866).

3. *Boulevard*: rua larga; corruptela medieval do holandês “*bolwerk*” – fortificação de terra e madeira.
4. Espada menor e portanto mais ligeira, com corte em apenas um dos lados.
5. Cerca de 2,5 metros.
6. No original, *Pékins*.
7. Cerca de 60 cm.
8. Construção em declive.
9. Similar às *Páginas Amarelas*.
10. Cerca de 1,5 metro.
11. Provável referência à resistência heroica desta cidade espanhola contra a invasão de Napoleão, quando morreram dezenas de milhares de pessoas.
12. *Paris-Guide*.
13. Do latim: “sem o que não é possível”.

* Publicado originalmente na Revista Mouro, n. 6, jan. 2012.
Tradução de Yuri Martins-Fontes. Ilustração de Ciro Yoshiyasse.